

A HISTÓRIA CONTRA A LENDA

O *Correio do Vouga* associa-se mui gostosamente à homenagem, que em breves dias vai ser prestada ao grande Marquês em nome da Liberdade, da Igualdade, e parece que também da Fraternidade: só lamenta não compreender como, em nome de tam mirífica triade, se ergue um monumento à memória do maior despota da nossa história: portanto, ousa submeter à consideração das gentes e à meditação dos sapientes alguns dos passos mais característicos da vida do lendário homem.

GUERRA JUNQUEIRO E O MARQUÊS DE POMBAL

... «O próprio Pombal é o Desejado? Não. Fez-se temer, não se fez amar. Cabeça de bronze, coração de pedra. Moralmente ignóbil. Rancoroso, ferino, alheio à graça, indiferente à dor. Inteligência vigorosa, material e mecânica, sem vôo e sem asas. Um brutamonte raciocinando claro. Falta-lhe o gênio, o dom de sentir, nobreza heróica, vida profunda, — a humanidade em suma. Máquina, apenas. Não criou, produziu. A criação vem do amor, a gênese é divina. Criar é amar. Por isso a obra lhe foi a terra. Pulverizou-se. Só dura o que vive. Uma raiz esteia mais que um alicerce. Pombal, em três dias, num deserto, quiz formar um bosque. Como? Plantando traves. Adubou-as com mortos e regou-as com sangue. Apodrecevam melhor...»

Uma arruaça no Porto e a grande fúria do Marquês de Pombal

Primeiro: — No dia 23 de fevereiro (quarta-feira de cinzas de 1757, deu-se no Porto uma rapaziada: uns bandos de pessoas correram algumas ruas, aos gritos de: *Viva o Rei, viva o povo, morra a Companhia!* protestando assim contra a Companhia dos Vinhos do Alto Douro, que o Marquês de Pombal organizara em monopólio contra os interesses do povo.

Segundo: — Nesse motim, tam ligeiro que às 3 horas da tarde já estava tudo em sossêgo, a ponto de sair muito facilmente da Igreja de S. Francisco a procissão da cinza, não houve sequer uma morte, — apenas o povo assaltou a casa do secretário da Companhia, donde haviam partido tiros que feriram alguns rapazes, invadiu salas e quartos até ao último andar, destruiu os móveis, e queimou quantos papeis lhe caíram nas mãos.

Terceiro: — Depois dum processo escandaloso, sob a pressão violenta de Pombal, de 478 acusados e presos, 21 homens e 5 mulheres foram condenados à morte, sendo enforcados só 13, pois 7 homens tinham fugido, e 1 mulher estava grávida; a açoutes e galés 26 homens; a açoutes e desterro para África 34 homens e 1 mulher; e (para não falar em mais 81) a palmatoada e a assistirem aos enforcamentos 17 impúberes, além do confisco dos bens.

Quarto: — Ao juiz do povo que fora pelo povo arrastado ao motim contra a vontade e doente, os juizes levaram-no a uma praça pública, arrancaram-lhe a vara das mãos, quebrando-lha, e, tirando-lhe a cabeleira da cabeça, esbofetearam-no com ela.

ANTONIO ENES E O MARQUÊS DE POMBAL

... «Sebastião José envolveu, pois, na colérica sentença da sua justiça política, inocentes e criminosos; no castigo d'estes últimos, ultrapassou as raías que a humanidade traça ao rigor. Sobre punir como juiz, esmagou e infamou como ministro onipotente da realza absoluta; aproveitou o ensejo para bater com a mão do verdugo nas faces da nobreza, que tam hostil lhe era, e dar um exemplo da inaniidade dessa classe orgulhosa perante a soberania da corôa. Também pretendeu ferir o clero com o violento golpe, mas não houve meio de descobrir ou inventar provas da criminalidade dos jesuítas, e o que contra eles alega a sentença só serve para lhes demonstrar a inocência ou a habilidade, e, ao mesmo tempo, a má-vontade que lhes tinha Carvalho»

Alguns artigos do regulamento que deu à Inquisição o Marquês de Pombal

Primeiro: — «E não havendo, entre todos os estabelecimentos humanos, estabelecimento algum que tanto possa contribuir e tenha efectivamente contribuído para defender e conservar ilibado, em toda a sua pureza, o sagrado depósito da Fé e da Moral, que Cristo Nosso Redentor confiou á sua Igreja como tem sido e é o Santo Officio da Inquisição...»

Segundo: — «Porém se os réus forem heresiarcas ou dogmatistas, e constar terem disseminado erros e feito sequazes deles, se os não confessarem e a pessoas que com eles contaminavam, ocultando algumas das ditas pessoas, serão postos a tormento, proporcionando à qualidade da prova e dos indícios que contra eles houver, pelo muito que importa arrancar dentre os fieis tam venenosas e pestíferas raízes...»

Terceiro: — «Sendo o réu principiado a atar (na polé), irá o Notário fazer-lhe um protesto, dizendo que em nome dos Inquisidores e dos mais Ministros, que o foram no despacho do seu processo, protesta que, se elle Reu morrer no tormento, quebrar algum membro ou perder algum sentido, a culpa será sua, pois voluntariamente se expõe áquele perigo, que podia evitar confessando as suas culpas...»

Quarto: — «Os tormentos que se houverem de dar aos Réus, segundo a gravidade das suas culpas, estado das suas forças e arbitrio dos juizes, irão subindo por grãos, segundo a Tabela Ordinária, desde a primeira ligadura até chegarem ao Trato esperto...»

A OBRA DO MARQUÊS DE POMBAL

VISTA PELO PRIMEIRO HISTORIADOR PORTUGUÊS DA ACTUALIDADE ILUSÕES

Opulência geral, provada nas baixelas, nos opíparos banquetes, nas custosas carruagens, nos gastos particulares, por ocasião das festas da estátua; a riqueza do comércio e das manufacturas, o progresso da lavoura, o florescer das colónias, a satisfação do povo pela prosperidade que um governo benéfico sobre elle derramava, fazendo, no dizer de Pombal, a admiração dos estrangeiros, «que nunca haviam entendido que Portugal, em tam poucos anos, houvesse accumulado riquezas tam superiores á sua compreensão»; essa opulência, esse contentamento, esse pasmo, eram ilusões do amor próprio, argumentos mais ou menos sinceros contra os émulos, direitos que o ministro invocava á gratidão pública e ao favor do Rei; tal qual nos Estados modernos a remuneração de serviços, com que um chefe de partido avança á conquista, ou um governo abalado pretende a conservação do poder... A verdade é que só á custa de enormes sacrificios, e por meio de providências, com o correr do tempo insustentáveis, o despertar da nação para a vida económica transitóriamente se realizou. No próprio momento, em que as criações de Pombal parecem inaugurar uma nova era de riqueza e bem estar, situação mui outra se nos revela, nos brados do povo clamando sua miséria, nas angústias do tesouro sob o constante assédio dos crédores. Sem embargo da fama em contrário, a gestão económica de Pombal foi quasi sempre infeliz. Providências, em que fundava seguras esperanças, davam afinal precário resultado, depois de haverem introduzido graves perturbações na vida económica, generalizado o descontentamento, arruinado não poucas fortunas.

Logo em seguida á Companhia do Grão-Pará, Pombal, tomando gósto, fundara a do Alto Douro. Em 1759, a de Pernambuco e Parnaíba; em 1773, a *Companhia Geral das Pescas do Algarve*. Fontes de opulência para alguns, poucos, favorecidos, todas elas foram para o povo maldição. Do clamor, a que as duas primeiras deram motivo, quando se instituíram, falou-se atrás. Imagine-se agora o exaspero dos lavradores da Extremadura, das regiões do Mondego e do Vouga, quando os esbirros do corregedor lhes iam intimar que arrancassem as vinhas, para muitos sua única riqueza. Das suas, de Oeiras, Pombal vendia o produto, a bom preço, á privilegiada Companhia. Por efeito desta violência, da perturbação geral dos negócios, proveniente do monopólio, muitas casas se despenharam na ruína. O tráfico com o Brasil diminuirá consideravelmente, e as próprias Companhias, apesar dos seus privilégios e das restrições em que se amparavam, arrastavam difficil existência. A do Grão-Pará, de 1765 em diante, nunca mais distribuiu dividendos. Na colónia queixavam-se negociantes e agricultores. Por incuria da Companhia, escasseavam as fazendas, que só ella podia levar da metrópole; os produtos da terra pagava-os a mequinho preço; os escravos da África, que tinha obrigação de levar, e cuja introdução era o motivo da sua existência, umas vezes não chegavam para as necessidades, outras, se vinham em maior número, não podiam ser vendidos em condições de lucro para a Companhia, pela pobreza dos moradores. Na colónia e no reino era igual o descontentamento. Quando, em 1778, a concessão terminou, o jubilo foi tamanho em Lisboa, que o comércio mandou celebrar um *Te Deum* em acção de graças.

Apesar dos privilégios e favores do Estado, os títulos desta e das outras Companhias corriam depreciados. Acudiu Pombal determinando que, nas execuções e partilhas, os juizes as considerassem, não como dívidas contingentes, mas por *dinheiro liquido*; depois, impondo pesadas multas, a quem os comprasse abaixo do valor nominal. Tudo, porém, debalde. A Companhia de Pernambuco e Parnaíba fundara-se com grande capital. Promoveu adiantamentos na colónia com prejuizo dos accionistas, que por fim não tinham frete para o número excessivo de barcos empregados no tráfico. É de notar que a cultura do algodão só foi introduzida em Pernambuco depois de extinta a Companhia. Desta e da outra do Grão-Pará sumiram-se os fundos, que restavam quando o privilegio acabou, nas mãos dos liquidadores.

PESCA E CALOTES

A protecção ás pescarias do Algarve veio a dar na ruína duma industria que, desde o tempo do infante de Sagres, fora o viveiro tam fértil, donde os arroçados navegantes saíam. A *Companhia Geral* deteve o privilegio da pesca dos peixes chamados reais, atum e corvina, com várias isenções fiscaes, e o direito de expropriar armazens, casas, embarcações, redes, cordoalhas, e mais utensílios que os particulares tivessem no mesmo tráfico. Depois disso, com o fito de expulsar os pescadores espanhoes, que vinham numerosos á costa portuguesa, Pombal incumbiu a industria da sardinha a um sindicato ou kartell — assim diríamos hoje — com-

(Continua na 2.ª página)

A Inquisição e o Marquês de Pombal

Primeiro: — No segundo decénio do governo do Marquês de Pombal, houve 22 autos de fé, em que figuraram 737 individuos, 19 dos quais (incluindo o Padre Malagrida) foram relaxados em carne e 24 em estátua, o que dá um total de 43 condenações á morte.

Segundo: — Em todo o periodo do governo pombalino (1750 1773) registam os historiadores 61 autos de fé, em que saíram cerca de 2 092 individuos, sendo 2 003 penitenciados, 42 relaxados em carne e 47 em estátua, o que perfaz o total de 89 condenações á morte.

Terceiro: — Foi em 20 de setembro de 1761, que de noite se realizou o auto de fé, em que morreu o Padre Malagrida, sendo então também executado em estátua o célebre escritor Cavalheiro de Oliveira, que atacara a Inquisição, louvando Pombal, e mais duas mulheres, que tinham morrido no cárcere.

Quarto: — Acabado o espectáculo da morte do Padre Malagrida, no qual, como disse Voltaire, «se juntou o excesso do ridículo e do absurdo ao excesso do horror», houve um lauto jantar no Palácio da Inquisição, oferecido por Paulo de Carvalho e presidido por seu mano Sebastião José de Carvalho, que foi Conde de Oeiras, e depois Marquês de Pombal.

O Marquês de Pombal dá a seu irmão, Francisco Xavier de Mendonça, capitão general das províncias do Grão-Pará e Maranhão, instruções elogiosas para os jesuítas

Primeira: — «Nas aldeias do Cabo do Norte, que nesta instrução vos recomendo muito cuideis logo em estabelecer e nas mais que se fizerem nos limites desse Estado, preferi-reis sempre os padres da Companhia, entregando-lhes os novos estabelecimentos, não sendo em terras que expressamente estejam dadas a outras comunidades, por me constar que os ditos padres da Companhia são os que tratam os indios com mais caridade, e os que melhor sabem formar e conservar as aldeias.»

Segunda: — «Recomendarei, muito da minha parte, aos missionários, que os indios que forem da sua administração, os ocupem, fazendo-lhes aprender os officios, a que tiverem mais propensão, como praticam os missionários jesuítas das povoações castelhanas, e que cuidem em civilizá-los em serem mais capazes de servirem ao público, e que o contrário será de um real desagrado.»

O Marquês de Pombal e a Inquisição

Primeiro: — Em 1738, aos 40 anos, o Marquês de Pombal requereu e obteve a nomeação de Familiar do Santo Officio, exactamente quando nos cárceres deste jazia António José, chamado o Judeu, que foi suppliciado em auto de fé de 1733, com mais 10 condenados á morte isto é, relaxados em carne.

Segundo: — Durante os primeiros dez anos do governo do Marquês de Pombal, houve 37 autos de fé nas quatro Inquisições (Lisboa, Coimbra, Evora e Goa,) em que figuraram 1.139 individuos, 18 dos quais relaxados em carne e 14 em estátua, o que representa 32 condenações á morte.

Terceiro: — O irmão do Marquês, Paulo de Carvalho, foi deputado do Conselho Geral do Santo Officio e Inquisidor Geral, e em 29 de Dezembro de 1760, Pombal, então Conde de Oeiras denunciou por escrito, ao Santo Officio, como seu Familiar que era, o jesuita Padre Malagrida fazendo-lhe as mais graves acusações.

Quarto: — Seguiram-se o processo e o supplicio, em que o venerando velho missionário sofreu todos os requintes de crueldade e malvadez, effectuando-se a execução do infeliz jesuita mártir com a maior solemnidade, na presença da corte e do corpo diplomático, na praça do Rossio.

O Marquês de Pombal oferece honras e prémios a delatores, na ocasião do atentado contra o Rei, mas só elle é que os ganha, sendo feito Conde de Oeiras

Primeiro: — «Estabeleço que todas as pessoas que descobrirem (de sorte que verifiquem o que declarem) qualquer ou quaisquer dos réus da mesma infame conjuração; sendo os declarantes plebeus, serão logo por mim criados nobres; sendo nobres, lhes mandarei passar alvarás de moço fidalgo, e de fidalgo cavaleiro com as competentes moradias; sendo fidalgos dos sobreditos foros, lhes farei mercê dos títulos de viscondes, ou de condes, conforme a graduacao em que se acharem...»

Segundo: — ... «E sendo titulares, os acrescentarei com os outros títulos, que immediatamente se seguirem aos que já tiverem: além de cujas mercês farei aos sobreditos declarantes as outras mercês úteis, assim pecuniárias como de officios de justiça ou fazenda, e de bens da corôa e ordens, que reservo a um real arbitrio regular conforme a qualidade e importância do serviço...»

A OBRA DO MARQUÊS DE POMBAL

(Continuado da 1.ª página)

posto de oito sociedades, com certas vantagens e obrigações, entre estas a de manterem no tráfego cada uma seis barcos, além dos de transporte, e os aparelhos necessários. Criou para sede deste ramo de indústria a Vila Real de Santo António, e, querendo promover o desenvolvimento da povoação nova, mandou destruir pelo fogo a do Monte Gordo ali próxima, onde residiam os pescadores e barqueiros, obstinados em não se transferirem à vila. Ensaio do assalto à Trafaria, três anos depois. Tam produtores foram estas providências que, ao findar o reinado, as sociedades, faltando-lhes a coacção do governo, quasi todas se dissolveram; dos quarenta e oito barcos do encargo, ficaram dez no mar; os pescadores emigraram para Espanha, de Aiamonte até Cádiz; e a decadência acentuou-se nos anos seguintes, ferida a indústria algarvia de modo fatal. Despejados em proveito dos monopólios os pequenos capitalistas, violentados os trabalhadores, empobrecido o comércio, por toda a parte no país, metrópole ou colónias, reboavam as queixas...

Agravando o mal estar geral, a penúria constante do erário reflectia-se no comércio e na vida particular. A falta de pontualidade nos pagamentos foi um dos caracteres desta administração famosa. Devia-se o pré às tropas; deviam-se os salários nas oficinas do Estado, as soldadas aos serviaes do Paço. Em 1763 dizia Kail que ninguém recebia soldos, ordenados, pensões ou juros. O viajante inglês Wrxall, que veio a Lisboa em 1722, dá a informação seguinte: — «A casa real andava tam mal administrada que a maior parte dos officiaes e creados não eram pagos, havia uns poucos de anos, e se achavam por isso nas mais penosas circumstancias... Os lacaios, que acompanhavam as carruagens reais, estavam quasi sem meios de subsistencia...» Estes factos deviam ser notórios, e recolheu-os Wrxall evidentemente nas conversas durante a sua visita. Segundo Dalrymple, official da guarnição de Gibraltar, que percorreu o país em 1774, os rendimentos públicos, entre os quais avultava o ouro do Brasil, eram desbaratados sem critério, em toda a casta de despesas alheias aos compromissos correntes. «O Rei — dizia elle — está a dever a todo o pessoal da sua casa...»

ESBANJAMENTOS E TOURADAS

Podia-se supor que o dinheiro, regateado às dívidas do Príncipe, zelosamente se applicava aos serviços da nação, de sua natureza mais importantes. Longe disso: o tesouro esvaia-se por mil canais em despesas inúteis. Só o custeio das cavaliarias reais importava em quantia enorme. Bastará saber-se que, por morte de D. José, os cavalos e muarees vendidos foram em número de dois mil, e ainda restavam oitocentos para o serviço.

O teatro lírico era outro sorvedouro nunca extinto. O célebre castrado Gizelo ganhava 30 mil escudos por ano, e mais vinte e dois mil francos para o prato, além de casa e carruagem. O Rei, doido por música, não passava sem o seu preferido divertimento, quando ia a Salvaterra. Wrxall ouviu que a despesa com a ópera, no paço, importava em 40.000 libras esterlinas cada ano. O embaixador francês Baschi diz que só a sala e o vestuário custavam 250 mil francos por mês. Do que não resta dúvida é que as exhibições eram suntuosas, e nada se poupava para que o espectáculo não fosse somenos ao melhor que no género havia então na Europa.

As touradas, outra distração favorita do soberano, faziam também carga assás pesada no orçamento da corôa. O ministro, que, para tranquilamente exercer o poder despótico, precisava lisongear os gostos do amo, assentia em tudo isto. O resto seria pouco para remunerar a clientela de Pombal, para socorro às indústrias, introduzidas com sacrificio do erário, para a reedificação de Lisboa, ficando sem se lhes acudir outras verbas, das mais urgentes, da pública administração.

EXÉRCITO E MARINHA

O exército já sabemos que em que estado se encontrava por ocasião da guerra com a Espanha.

A competência especial do Conde de Lippe como organizador; a colaboração de officiaes estrangeiros, alguns deles distintos; a complacência do marquês em os atender, enquanto o perigo durou; a nova disciplina então introduzida, tudo isso contribuiu para elevar material e moralmente o valor da força armada, em um periodo curto, seguinte à campanha. Mas logo depois, com a ausência de Lippe, que era a vontade motriz, a decadência antiga reapareceu. Dalrymple, que tinha para o informar officiaes seus compatriotas, com isso e o que viu, faz da organização militar portuguesa a mais desfavorável ideia. Em Valença, primeiro lugar onde esteve, havia um regimento de artilharia e outro de infantaria. «Julgo que nunca vi tropas assim», diz elle no sentido deprimente.

Os officiaes viviam descontentes, os soldados eram mesquinhos; não se faziam promoções, de modo que, por exemplo num regimento de Viana, todos os postos, acima de tenente, excluindo o de coronel, estavam vagos. Em tais condições, a disciplina era fraca. Os soldados andavam róticos, traziam as armas enferrujadas, o corraeme sujo e dilacerado.

A guarnição do Pôrto ainda pior. Soldados de sentinela pediam esmola...

Não era mais florescente a situação da marinha. A administração naval continuava a ser encargo do *Provedor dos armazens de Guiné e Índia e Arsenal de marinha*, funcionario vitalicio, a quem incumbia a construção, aparelho e armamento das esquadras: Pombal, na sua faina reformadora, não se lembrara de eliminar esta entidade anacrônica e inerte. Em 1765 consistia o efectivo em 18 navios, e esses, dizia Saint-Priest, mal providos de tripulações. No tempo de Dalrymple, existiam, segundo colheu, 17 navios, sendo 6 fragatas. Cada ano, refere Saint-Priest, saiam dos estaleiros duas fragatas, mas o desleixo era tal que em pouco tempo apodreciam, de maneira que o total jámais passava de vinte. No fim do reinado, deviam-se aos operários do arsenal muitos meses de paga. Então compunha-se a armada de 12 navios, «a apodrecerem no pôrto de Lisboa», dizia o marquês de Clermont d'Amboise, ministro da França.

«E' lástima — continúa o diplomata — ver em tamanha decadência esta nação, que em um século de ignorância se cobriu de glória, abrindo aos outros povos da Europa caminhos até aí desconhecidos». Tudo isto desenha a situação do país em traços bem diversos daqueles, com que a orgulhosa apologia do ministro a representava...

INSTRUÇÃO

No ramo da instrução pública, tam encarecido na forma que Pombal lhe imprimiu, igualmente se manifesta a insufficiencia da sua obra, que numa boa parte falhou. Nem tudo se deve attribuir ao espirito retrógrado da seguinte administração. A reforma obedeceu, como sabemos, ao intuito de proclamar a nocividade pedagógica dos jesuitas, e comprovar que elles, em dois séculos, tinham arruinado a litteratura em Portugal... O primeiro acto, após o atentado de setembro contra o Rei, e fechadas as aulas

Um grande sabio passa numa masmorra 6 anos, à ordem do Marquês de Pombal, e lá morre só por defender os jesuitas

A Bento de Moura Portugal compete de direito um dos primeiros logares entre os nossos mais distintos cultores das sciencias physico-matemáticas no século XVIII. Homem de portentosa intelligencia e agudissimo ingenho, honrou a pátria nos países estranhos, por onde discorreu durante alguns anos, e nos quais se tornou conhecido e respeitado por seu talento e invenção. O importante aperfeiçoamento por elle introduzido na máquina pneumática, que lhe mereceu elogios dos sábios alemães; a sua engenhosa e demonstrativa explicação da hipótese de Newton acerca das marés; a máquina de fogo, que inventou em Inglaterra, cuja descrição pode ver-se nas *Transacções Filosóficas* da Sociedade Real de Londres, são outras tantas provas irrecusáveis da sua penetração, e do muito que aproveitara no estudo das leis da physica e da mecânica. Rico de conhecimentos e adiantado em anos, recolheu-se enfim à pátria, para receber a recompensa não raramente reservada em Portugal ao mérito desvalido, que, estranho às artes protectoras da adulação e da intriga, caí na louca persuasão de que para medrar lhe basta só talento, cultivado com independência e empregado em estudos de utilidade geral.

Suspeito de inconfidência, e lançado com outros presos de estado no forte da Junqueira, aí passou o sábio os últimos cinco ou seis anos de sua vida. Quasi segregado de toda a comunicação e trato humano, teve de suportar com forçada resignação os desconfortos e privações próprios do cárcere, agravados por moléstias continuas, e ainda mais pela aspereza e rigor de guardas inexoráveis, que se compraziam em tornar mais duro e insuportável a condição dos maldadados presos. Os tormentos que ele e seus companheiros de infortúnio curtiram em tam longo e arbitrário cativeiro, ficaram descritos assás miudamente pelo marquês de Alorna, um dos reclusos, em uma *Relação*, que deixou manuscrita, e que afinal se imprimiu muitos anos depois da sua morte. Naquella angustiada situação, Bento de Moura não desanimou de todo. O seu patriotismo e hábito do estudo facilitaram-lhe o meio de a tornar menos penosa, continuando a occupar-se, no tempo que as enfermidades lhe deixavam livre, de trabalhos úteis, consagrados ao bem da pátria, que tam mal lhes remunerava. Como a barbaridade de seus perseguidores lhe não consentia na prisão o uso do papel e tinta, servia-se elle, para traçar os seus projectos, das estreitas margens de dois livros, que consigo tinha, e, depois, dalgumas folhas de papel pardo, que preparava para escrever, unlando-as previamente com azeite, e supria a falta de tinta com outra, que de industria própria fabricava, servindo-se para isso dos morrões do candieiro. Assim conseguiu encher vinte e oito cadernos dispostos em forma de livro, e muitas fôlhas soltas, escritas na maior parte por elle, e o resto por seu companheiro o padre João de Matos, que nestes trabalhos o ajudava como amanuense, nos tempos proximoamente anteriores à sua morte occorrida aos 64 anos de idade incompletos, em 27 de janeiro de 1766.

INOCÊNCIO FRANCISCO DA SILVA
Escritor português (séc. XIX)

O Marquês de Pombal pupilo dos jesuitas

Primeiro: — Sabem que o Marquês de Pombal esteve nos primeiros tempos para ser demittido do seu lugar, valendo-lhe então a influencia do jesuita Padre José Moreira, que era confessor do rei?

Segundo: — Sabem que o Marquês de Pombal, durante largos anos e por muitas vezes, recebeu abundantes dinheiros, com que misericordiosamente lhe acudiam os padres da Companhia de Jesus?

Um grande poeta passa no segredo do Limoeiro 8 meses à ordem do Marquês de Pombal, sem culpa formada e lá morre

Destinado à magistratura, cursou Garção os estudos de humanidades nas aulas dos jesuitas, em Lisboa, aperfecendo-se no conhecimento das linguas franceza, inglesa, e italiana, passando depois a matricular-se na faculdade juridica de Coimbra... Em a noite de 9 de abril de 1771, foi preso na própria residência, por virtude dum Aviso da Secretaria do Reino expedido ao regedor das justicas, e conduzido à cadeia da Côrte, onde permaneceu no segredo durante oito meses inteiros... Aqui a escuridão do cárcere condensada sobre a figura do desventurado Garção se projecta sobre o mesmo facto que a ela o arrastara. Qual o seu crime? Que força teria impellido fora do caminho do dever quem tam formosos cânticos entoara à virtude? Ninguém o soube até hoje dizer com certeza... Outro escritor de mérito, que tambem floresceu naquella época, Francisco Dias Gomes, caracter austero e independente, extreme portanto da suspeita de parcialidade em favor dum criminoso, fôsseam quais fôsseam os seus dotes litterarios, assim se exprimiu sobre o assunto: — «O Garção, insigne restaurador da poesia portuguesa em nossos tempos, acabou a vida no fundo duma prisão, motivada por causa de si tão fútil, que é vergonha expressá-la».

O que todavia parecerá difficil admitir, é a suposta ignorância da mulher de Garção acerca do motivo do seu cativeiro. Não faltariam decerto amigos officiosos, que lho revelassem. A verdade é que a desditosa senhora andou pelos paços reais a solicitar a graça do marido; a muito custo, depois de oito meses, conseguiu fôsse transferido do segredo para a sala livre, e ainda perseverando nos seus generosos esforços, alcançou, onze meses mais tarde, a ordem de soltura, que trazia ainda, como cláusula adjuncta, a saída para fóra da Côrte, sem contudo determinar o logar do exilio. A graça não fóra completa: a clemência real julgara dever restringi-la, ou fóra quiçá desvirtuada na execução. Cláusula desumana e falsa, clama um biógrafo, em relação a um moribundo, que se achava nos últimos momentos da agonia: contra ella protestou a viúva nos poucos anos que lhe sobreviveu, tomando os céus por testemunha de que o monarca, pelo que sempre tinha ouvido de sua boca, tal não havia ordenado. Tarde, porém, chegou o alvará de soltura. Os desgostos, tanto como as agruras do cárcere e enfermidades, haviam acabrunhado o infeliz poeta, mirando-lhe a existência. Sob as frias abóbadas do Limoeiro, mudas testemunhas do seu cruel supplicio, exalou na tarde desse mesmo dia (da ordem para sair em liberdade), 10 de novembro de 1772, o derradeiro alento, tendo de idade 48 anos incompletos. O lamentável final de Pedro António Correia Garção, qual quer que seja o seu crime, provoca a indignação contra a prepotência de que foi vítima. Nenhuma consideração a justifica, nenhum principio a absolve. A serena luz do direito poderia iluminar o juiz e o réu; o rubro clarão do despotismo destaca vivas em escuro fundo as figuras do algoz e da vítima.

JOSÉ DE AZEVEDO E CASTRO
Escritor brasileiro (séc. XIX)

O Marquês de Pombal e o processo dos Távoras

Primeiro: — Sabem que a Marquesa de Távora foi julgada condenada e executada sem nunca ser ouvida, pois jámais foi chamada diante de qualquer tribunal ou magistrado para poder dizer da sua justiça?

Segundo: — Sabem que dos próprios autos consta que até as testemunhas foram torturadas no potro, e ao cabo dalgumas voltas ou tratos, declaravam logo que queriam dizer a verdade, e assim diziam tudo quanto se queria?

Um coronel inocente, enforcado à ordem do Marquês de Pombal

A simples suspeita de que se tinham relações mais ou menos remotas com os jesuitas, bastava para atrair terríveis ódios do Marquês de Pombal. O Doutor José Vitorino Loureiro de Mesquita, por uma denuncia nesse sentido, foi preso, conduzido ignominiosamente a Lisboa, e, ainda que depois se lhe provou a inocencia, tanto que até foram presas as testemunhas, nunca mais tornou a exercer o cargo que servia. Um coronel do Rio Grande, Tomás Luiz Osório, muito elogiado pelo vis-rei Gomes Freire de Andrade, como official distinctissimo, foi preso em Minas Gerais, por o acusarem de ter em casa um jesuita. Veio para Lisboa, cá morreu na força sem que lhe valessem penas de revisão do processo, súplicas até em que apelava simplesmente para a misericórdia régia. O mais horroroso ainda é que, depois dele ter morrido, chegou um navio do Brasil, trazendo a prova de que nem sequer era verdadeiro o acto de que o acusavam, e que aliás nunca poderia ser reputado crime.

O Marquês de Pombal mandou que se reabilitasse a memória do enforcado, mas parece que não lhe pesou muito na consciencia o remorso desta morte inocente, porque nem sequer ordenou que fôsse castigado os denunciadores.

PINHEIRO CHAGAS

Como os maiores brasileiros apreciam a obra dos jesuitas, que Pombal expulsou

Sem os jesuitas a nossa história colonial não seria outra coisa senão uma odisseia de atrocidades sem nome, de massacres como os das Reduções; o país seria cortado de estradas, como as que iam ao coração da Africa, aos mercados da Costa, por onde só passariam as longas filas de escravos. Esse é que seria o destino da América do Sul, enquanto na margem dos seus rios restasse alguma raça para escravizar ou por exterminar de todo. A ideia do colono era reduzir o indio ao cativeiro, e não podendo ser, exterminá-lo; a ideia dos jesuitas era reduzi-lo á liberdade cristã e preservar em cada um dos seus individuos todas as raças autoctones. Daí esse ódio, esse ranço contra elles, que fazia o Padre Nóbrega dizer: Eu, se houver de ser mártir, ha de ser a mão dos nossos Portuguezes Cristãos, e não dos Brasis.

JOAQUIM NABUCO

Sócio Fundador da Academia Brasileira de Letras

A limpeza de mãos do Marquês de Pombal

«Mas o ponto onde era mais débil a defesa do Marquês de Pombal, e mais vulnerável a reputação do estadista, era o que se referia aos seus escrúpulos, e aos meios a que se havia socorrido para enlutar a sua familia.

O marquês accumulava algarismos e razões para demonstrar que licitamente acrescentara os seus haveres. Permanecia, porém, a afrontosa suspeição, em alguns casos a evidência, de que se não lesara formalmente os cofres públicos, nem perpetrara abertas usurpações, se valera do seu poder e autoridade para facilitar negociações indelicadas.

A lista das suas dividas, ao deixar o ministério, era uma prova de que a influencia dos seus cargos eminentes não andara extranha às transacções particulares da sua casa. Por muitos anos se esquecera de pagar ao Estado quantiosas imposições, de que não o absolviera o seu officio. Durante o seu governo, mutuara somas valiosas aos conventos e mosteiros, e — o que menos abonava a sua delicadeza ministerial, — a muitas das repartições públicas, e aos arrematantes dos contratos mais da sua dependência se fizera devedor, utilizando os artefactos, ou os géneros, que fabricavam ou geriam».

SORIANO? LATINO?

(Citação de D. Miguel Sotto-Mayor, como sendo de não sei que aliás fervoroso apologista do Marquês).

Como os maiores brasileiros apreciam a obra dos jesuitas, que Pombal expulsou

No século XVIII, Pombal, que tinha a singular mania de regular a sua politica pelo que dele dissessem os estrangeiros, inundou a Europa inteira de livros, folhetos, em todas as linguas, contra os jesuitas, especialmente contra os do Paraguai... Preparava Pombal o golpe insensato da expulsão dos jesuitas dos domínios portuguezes, acto que foi para o império ultramarino português outro Alcácer-Quebir, como o do século XVI para o reino lusitano. Com a expulsão dos jesuitas, no século XVIII, a civilização recuou centenas de léguas dos centros do Continente Africano e do Brasil. As prósperas povoações do Paraná e do Rio Grande caíram em ruínas; os indios volveram á vida selvagem; as aldeias do Amazonas despovoaram se, e, até hoje reinam a solidão e o deserto, onde havia já a sociabilidade humana.

EDUARDO PRADO

Socio Fundador da Academia Brasileira de Letras

dos jesuitas, foi proibir o compêndio de Álvares (jesuita), e mandá-lo substituir pelo de Figueiredo (oratoriano). Suprimidas as escolas da Companhia, ficaram em muitas partes as classes menos abastadas sem ensino. Em 1761, havia professores régios sómente em Lisboa, Coimbra, Pôrto e Evora, e no Brasil em Pernambuco... O que se fazia activamente era extirpar tudo quanto provinha dos jesuitas... No Pôrto, Coimbra e Santarém foram achados muitos dos sobreditos livros (dos jesuitas, em 1765), os quais foram queimados publicamente e os livreiros presos... Trinta dias de cadeia e multa pecuniária, a estes mercadores culpados de empeçonharem a mocidade com as regras do padre Álvares, e a *Prosódia* de Bento Pereira, outro autor condenado...

Transcorridos alguns anos da queda do ministro, lamentava-se já a decadência dos estudos da Universidade, attribuindo-se á falta dele a situação. O académico António Ribeiro dos Santos — na frase de Camilo o mais douto homem do século — dizia sobre a espécie, em carta a um amigo: — «Que havia elle fazer agora, se fez pouco no principio; se edificou um edificio ruinoso, como havia agora ter-se em pé?... Este ministro, apesar de tudo quanto disseram dele os seus panegiristas, não talhou um plano útil, que honrasse a sua nação e o seu século». O mesmo censor mostrava que Pombal, «profundo em algumas partes da administração politica, não tinha um plano, nem sistema no todo, tudo fazia por pedaços e a retalhos, de que depois se não uniam as partes, nem se ajustavam entre si». O juízo evidentemente é exato, e bem se ajusta, como ao mais, á reforma dos estudos.

Meses passados da queda do ministro, em setembro de 1777, o reitor da Universidade, D. Francisco de Lemos, fazia vêr ao governo a necessidade de se restaurarem os estudos das humanidades, que se achavam na última decadência... A falta de unidade no plano meditado pelo ministro para transformar o ensino, permitiu que, no reinado seguinte, o espirito de reacção contrariasse com vantagem a maior parte do que elle útilmente dispunha...

JOÃO LÚCIO AZEVEDO

(O Marquês de Pombal e a sua época).

Um homem provavelmente inocente, atado a 4 cavalos por ordem do Marquês de Pombal

... Estes foram os que lavraram a sentença contra o desgraçado Pele (italiano acusado de atentar contra a vida do Marquês de Pombal), sem lhe consentirem defesa, e seguindo humildemente no processo o caminho indicado pelo próprio Marquês, (parte e juiz)... A terrível sentença foi executada no dia 11 de Outubro de 1779, nas praças da Junqueira. Correrá tudo com o maior segredo, e ninguém sabia do processo, nem da sentença, quando a notícia da marcha de dois regimentos de infantaria e dois de cavalaria para aquele sítio, juntamente com a da partida de dois algozes, veio informar os lisboenses de que alguma execução se preparava. Correram logo os espectadores, e, efectivamente, por entre o nevoeiro dessa bonançosa manhã de outono, viram aparecer daí a pouco tempo um carro, onde vinha um homem amarrado a um cêpo, e acompanhado por três frades franciscanos. Rematavam o cortejo os dois algozes, e atrás deles quatro cavalos, tudo isto cercado de muita tropa.

O padecente apeou-se do carro, e, em conformidade da sentença, cortaram-se-lhe as mãos; depois amarraram-no aos quatro cavalos, dispostos em forma de aspa, e espicaram os animais, para que parafissem a galope, esquarterando o infeliz. Eram, porém, os cavalos muito ordinários, e não tinham força para o que deles se exigia, resultando daqui o martirizar a desgraçada vítima, que esteve padecendo tratos infernaes durante mais dum quarto de hora. Os esforços dos cavalos, sem conseguirem esquarterar o réu, bastavam para lhe deslocar os ossos, para lhe romper as veias, para lhe infligir tormentos inimagináveis. Era todo sangue o desgraçado; os seus gritos lastimosos condoiam a todos, a ponto que os frades desfaleceram, sendo necessário que um outro franciscano, Fr. Samuel Ribas, que era mero espectador, corresse a substituí-los. O genovês, dilacerado, sanguinolento, pedia exorava os seus algozes que o matassem; queriam eles fazer-lhes a vontade, mas não tinham instrumento com que lhe dessem o golpe de misericórdia; finalmente o juiz de execução disse-lhes que o afogassem com um lenço, e eles assim o fizeram, metendo-lhe um lenço na bôca, e apertando-lhe as guélas, até que o último alento vital se exalou de todo nessa pungentíssima agonia.

PINHEIRO CHAGAS

O incrédulo Voltaire e o ensino dos Jesuítas

« Os Jesuítas conseguiram ensinar aos selvagens da América as artes rudimentares, conseguiram também ensinar as artes mais elevadas a um povo tam agudo e requintado como os chineses ».

Uma estatística fúnebre e o Marquês de Pombal

Primeiro: — « De nove mil seiscientos e quarenta presos políticos, que tantos houve, em todo o reino, durante a supremacia de Pombal, só oitocentos estavam vivos. » (Rocha Martins)

Segundo: — « Está computado em cerca de oitocentos o número daqueles que foram postos em liberdade, e parece que de mais três tantos foi o número dos que pereceram nos cárceres do continente e do ultramar » (Caitano Beirão)

Terceiro: — « Assombrosa o grande número deles (individuos com ordem de soltura por morte de D. José), pois foram restituídos à liberdade cerca de oitocentos, e calculava-se que o triplo tinham morrido no cárcere. » (Fortunato de Almeida)

Quarto: — « Contaram-se os presos políticos: excediam de oitocentos, e faltavam muitos, dizia-se que três vezes esse número, falecidos em longos cativerios. » (João Lúcio de Azevedo)

A Carnificina de Belém

Eram seis horas e quarenta e dois minutos, quando subiu o pano para essa hedionda tragédia. Abriu-se a porta do pátio, e saíu primeiro o destacamento de dragões, depois a cavalo os ministros do crime dos diversos bairros de Lisboa, e o corregedor do crime da corte e casa, todos com as suas togas negras ou capa e volta, depois a sinistra cadeirinha forrada de preto, e de cada lado um padre da congregação das missões de S. Vicente de Paulo. Fechava o préstito outro destacamento de dragões.

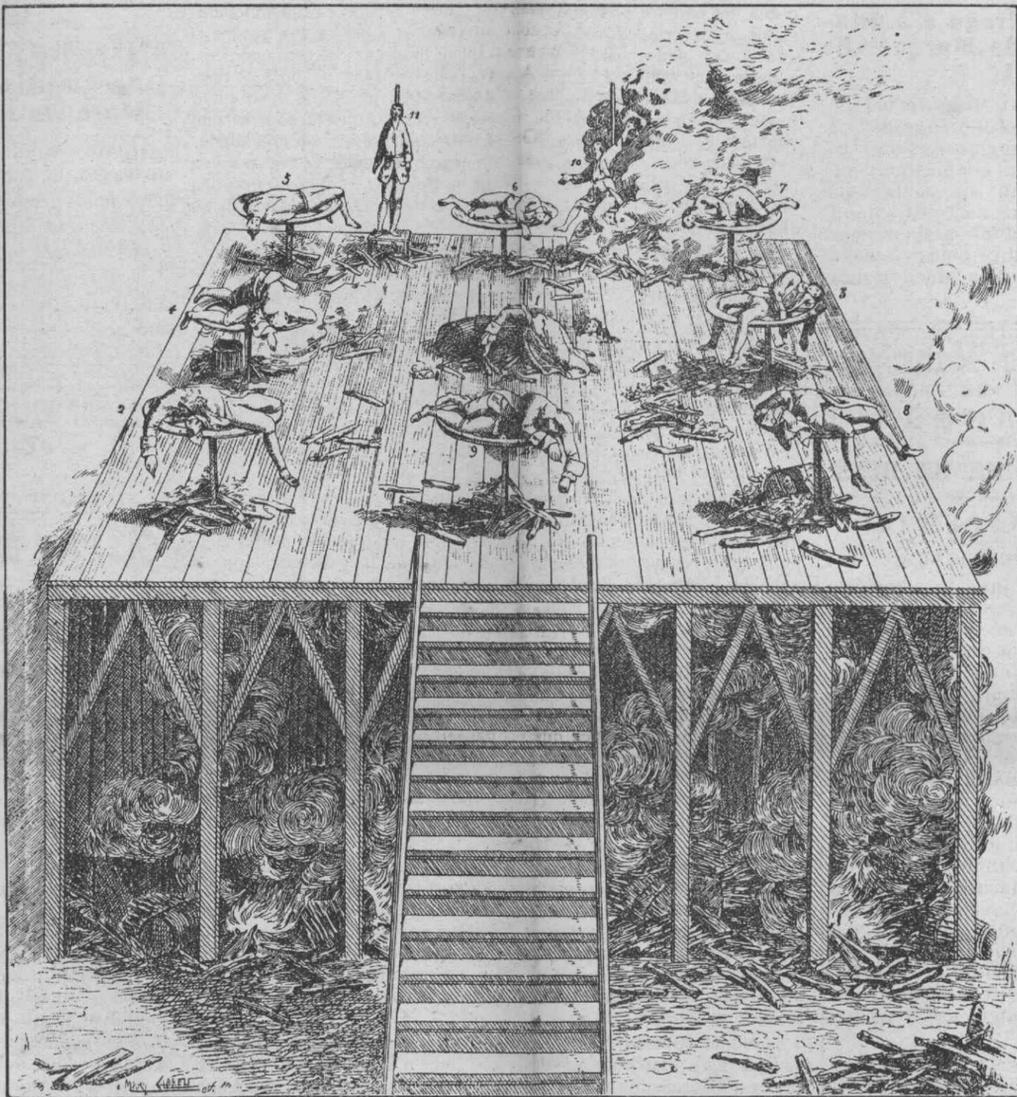
Chegaram ao cadafalso, os ministros do crime formaram em tórno dele um lúgubre círculo, com as suas roupas negras. A cadeirinha parou, e a marquesa de Távora apeou-se. Não lhe tinham consentido que mudasse de fato, durante o tempo todo da sua prisão, e a triste senhora apenas pudera envolver numa capa alva o seu vestido de setim azul escuro, e o lenço do pescoço. Ao aprear-se, parou num dos degraus da escada, e confessou-se. Eram sete horas e trinta e quatro minutos quando se levantou, e subiu o resto da escada com rapidez, como quem deseja acabar depressa a vida e esse doloroso lance. Não consentiram, porém, tanta pressa os requintes ferocíssimos dos algozes. O carrasco e os seus dois ajudantes tinham o fato envolto em capas negras, e na cabeça um gôrro também negro. Assim a receberam juntamente com o meirinho, e fizeram-na percorrer o cadafalso em todo o seu âmbito, mostrando-a bem aos espectadores para que todos

arrojou-a, juntamente com o corpo para um lado do cadafalso, cobrindo o cadáver com um pano de tafetá preto. Findava o primeiro acto desta horrorosa peça.

Voltou a triste cadeirinha, acompanhada pelos dragões, do pátio, e, depois dum momento de espera, abria-se de novo a fatal porta, e a cadeirinha voltou. Apeou-se, meio desfalecido, um moço de vinte e um anos, loiro e gentil. Era José Maria de Távora, filho segundo da marquesa. Ao pobre mancebo custava-lhe deixar a vida dum modo tam ignominioso e atroz. Ele, ajudante de ordens de seu pai, que sonhara talvez a morte heróica nos campos de batalha, na ebriedade da glória, e entre o fumo da pólvora, e o estrépito dos canhões, ia morrer assim ignominiosamente, entre horríveis sofrimentos. Morrer aos vinte e um anos, sendo-se gentil, amado, elegante.

Ha na descrição do suplicio deste moço um pormenor que nos impressionou. Vestia fato preto, dizem os narradores, e meias côr de pérola. Era a última garridice do cortejo airoso e galanteador. Aquelas meias côr de pérola de José Maria de Távora iam fingir-se de vermelho no sangue de sua mãe.

Vinha entre dois frades arrábidos, pálido, desfalecido, com os seus cabelos loiros, enlêvo das damas do corte, presos com um laço. Subiu a custo a esada amparado pelos dois padres, depois o meirinho e os algozes mostraram ao povo aquele adolescente,



Demonstração do theatro em que, depois de justicados os réus, que barbara e sacrilegamente quizeram tirar a vida a El-Rei Nosso Senhor que Deus guarde, como se vê nas estampas antecedentes, e expostos sobre as rodas, ultimamente foram queimados todos. António Alvares Ferreira, vivo, e José Policarpo de Azevedo em estátua.

N.º 1 a que foi Marquês de Távora N.º 5 Manoel Alvares Fr. N.º 8 o que foi Marquez de Távora, Pae
N.º 2 José Maria N.º 6 João Miguel N.º 9 o que foi Duque de Aveiro
N.º 3 o que foi Conde de Atouguia N.º 7 Braz José Romeiro N.º 10 António Alvares Fr.
N.º 4 o que foi Marquez de Távora, filho N.º 11 José Policarpo de Azevedo

Achar-se-há em casa de Francisco Manoel no fim da Rua do Passeio Lx.º

a reconhecessem. Faltava, porém, o suplicio miseravel, que não fôra consignado na sentença, e que aniquilava contudo completamente os efeitos da fingida clemência, que os juizes mostraram ter sentido, pois que subjugada aos padecimentos físicos uma insuportável tortura moral. O algoz, mostrando-lhe vagarosamente os instrumentos do suplicio, disse-lhe para que serviam, descreveu-lhe com uma minuciosidade revoltante os seus diversos efeitos, e, enfim, para completar esta descrição feroz, disse-lhe por que modo haviam de morrer seu marido, seus filhos, e todos os supostos cúmplices.

Sai da consciência humana um brado de indignação quando lemos esta página horrorosíssima da nossa história! Que torpe e cruel imaginação que se compraz em inventar uma tam infame tortura! Que bárbaro deleite! Que requinte de crueldade! E' esta punição que uma sociedade civilizada e cristã impõe aos que se revoltam contra as suas leis?

Quando a narração chegou ao fim, a altiva marquesa, prostrada, com o coração dilacerado, confessava não poder já suportar tamanhas angústias. Torrentes de lágrimas lhe banhavam as faces, e a triste fidalga, que tão orgulhosa fôra, supplicava que lhe dessem depressa a morte, mil vezes mais doce que esta imensa dôr moral encerrada em tam breves momentos.

Então o algoz tirou a capa, e tratou de desempenhar o seu sinistro dever.

Em presença da morte, recuperou D. Leonor a serenidade que perdera por tam justificados motivos. O algoz tirou-lhe dos ombros a capa da vaidade, dobrou-a e mostrou assim ao povo as magras mãos da velha senhora atadas como as dum celerado violentíssimo. Ela, serena, com os olhos baixos, obstruída do mundo, deixou-se vender, deixou que lhe tirasse o lenço do pescoço, e só então lhe disse: — Não me descomponhas.

Fôra atada ao banco fatal por meio de cordas que lhe prendiam a cintura e os pés. Depois o imenso povo, que assistia a este espectáculo, viu ao pátio clarão dessa manhã de inverno (eram oito horas e meia) lampear o ferro do cutelo, que ferindo pela nuca, para maior afronta, o pescoço da marquesa, lhe decepou a cabeça, que ficou ainda pendente, com os seus cabelos brancos, pela pele da garganta. O algoz mostrou-a ao povo, e depois

Cineo mil casas a arder por ordem do Marquês de Pombal, e alguns mortos

... Muitos refractários se tinham refugiado nessa povoação de pescadores (a Trafaria) que lhes offerecia abrigo fácil, por estar situada num areal, e constar de muitas choupanas de palha, lona e madeira, que no dizer do Sr. Simão José da Luz, ascendiam a perto de cinco mil. Na povoação, como era grande, ainda que exclusivamente composta de pescadores, havia algumas lojas bem fornecidas, uma ermida, e uma barraca mais luxuosa pertencente à casa de Marialva, que tinha na Trafaria um privilégio de pesca. Ali se esconderam portanto um grande número de refractários, e o Marquês de Pombal, sempre cruel e implacável, ordenou ao intendente Diogo Inácio de Pina Manique que os tomasse a todo o custo, ainda que lhe fôsse necessário destruir a povoação. Tinha, infelizmente para a sua memória, o Marquês de Pombal executores para as suas ordens, que primavam em lhes exagerar a severidade. Diogo Inácio de Pina Manique pediu logo 60 homens a cada um dos quatro regimentos de infantaria da corte, e outros 60 a cada um dos três regimentos de cavalaria; e com esses 420 homens dirigiu-se à Trafaria, na noite de 23 de Janeiro de 1777, chegando a essa infeliz povoação um pouco antes de romper o dia. Cercou de soldados as ruas da aldeia, a que mandou deitar o fogo. Acordou aquela misera população espavorida, viu-se rodeada de chamas, queria fugir-lhes, e encontravam-se face a face com os soldados, que prendiam tudo, esquivava-se-lhes, e lá se lhes levantavam no caminho as labaredas. Foi uma noite verdadeiramente horrorosa, e mais o seria ainda, se os soldados, vencidos por um sentimento de humanidade, a que os seus chefes pareciam extranhos, não proporcionassem aos pescadores o meio de fugirem, abrindo as suas fileiras. O fogo consumiu quasi todas as casas da povoação; muitas pessoas morreram nas chamas; a muito custo se salvaram os vasos sagrados da ermida, cuja perda, resultante do incendio atado por mãos dos homens, pareceria um sacrilégio. Com esse terrível e iniquissimo castigo assinalou o Marquês de Pombal o último ano do seu governo. Triste inspiração foi essa!

PINHEIRO CHAGAS

O protestante Ranke e o ensino dos Jesuítas

« Os triunfos dos Jesuítas neste ponto foram verdadeiramente prodigiosos: Observou-se que a mocidade aprendia com êles muito mais em seis meses do que com outros em dois anos ».

Um orçamento trágico e o Marquês de Pombal

Primeiro: — « A importância dos impostos, que (o Marquês) ficara devendo, era de 12.318.651 reis, segundo a *Relação das dividas*, que serve de documento elucidativo ao *Compêndio económico*: algumas das verbas subiam ao ano económico de 1771. » (Francisco Luiz Gomes)

Segundo: — « Os vendedores lhe largavam (ao Marquês) os gêneros por deminutos preços, e nunca se apressavam em obter o pagamento; e se, por acaso, algum esquecia ao ministro influente, esquecia também ao vendedor. » (Jacome Ratton)

Terceiro: — « Em 1756, o Marquês de Pombal decreta uma gratificação de quatrocentos mil cruzados a todo o delator daqueles que disserem mal do seu governo. » (Ramalho Ortigão)

Quarto: — « Foi por estes meios violentos e despóticos que o baixo povo teve de pagar (multas, derramas, etc.) para a festa da inauguração da estátua equestre, ficando as classes ricas isentas de para ela contribuírem. » (Luz Soriano)

(Continúa na 4.ª página)

Cópias das queixas apresentadas no processo correccional que o ministério público move contra Manoel Fernandes Mourão, Duarte Martins, João Nunes Serafim, Manuel Nunes Serafim e João Freire da Silva, todos de Ouca

Queixa do ministério público

Mostram os autos que no dia dez de janeiro do corrente ano, seriam 22 horas, no lugar de Ouca, concelho de Vagos, e na ocasião em que António da Silva Tronco, Manoel Fernandes Mourão, Manoel Francisco da Rocha e Manoel da Silva Tronco saíram de casa de Tomé Francisco da Rosa, daquele lugar na companhia dum filho deste de nome João Francisco da Rosa, foram surpreendidos por João Freire da Silva, também conhecido por João Camelo, solteiro, maior, Manoel Nunes Serafim, casado, proprietário, João Nunes Serafim, casado, lavrador, e Duarte Martins, casado, lavrador, todos do referido lugar de Ouca que os ofenderam voluntária e corporalmente causando ao primeiro António Tronco doença com impossibilidade para o trabalho por 15 dias, a Manoel Mourão doença por dois dias sendo o primeiro com impossibilidade para o trabalho, a Manoel Francisco da Rosa dois dias de doença, a Manoel da Silva Tronco trez dias de doença com impossibilidade para o trabalho, e a João Francisco da Rosa doença pelo espaço de tempo de 16 dias sem impossibilidade para o trabalho. Mostram mais os autos que Manoel Fernandes Mourão, solteiro, lavrador, do mesmo lugar, ofendeu, na mesma ocasião, voluntária e corporalmente João Nunes Serafim causando lhe doença com impossibilidade para o trabalho por 15 dias e ainda ofendeu voluntária e corporalmente e conjuntamente com Manoel Francisco da Rosa, solteiro e Manoel da Silva Tronco, solteiro, também de Ouca, João Freire da Silva ou João Camelo causando-lhe doença com impossibilidade para o trabalho por trez dias. Assim, cometeram os arguidos João Freire da Silva ou João Camelo, Manoel Nunes Serafim, João Nunes Serafim, Duarte Martins e Manoel Fernandes Mourão os crimes previstos e punidos pelos n.ºs 1.º e 2.º do art. 360 do Código Penal e Manoel Francisco da Rosa e Manoel da Silva Tronco o crime previsto e punido pelo n.º 1 do referido artigo, pelo que, contra os cinco primeiros agora indicados dou a minha queixa e Promovo que recebida se sigam os mais termos do processo correccional, devendo todos os arguidos agora indicados serem julgados nesta forma de processo como agentes dos crimes já referidos. Testemunhas as inquiridas em corpo de delicto cujos nomes e moradas aqui se dão como reproduzidas. Aveiro, vinte e trez de mil novecentos e trinta e trez. João Cura.

Queixa apresentada pela acusação particular

Excelentissimo Senhor Doutor Juiz de Direito: Manoel Francisco da Rosa e Manoel Fernandes Mourão, solteiros, maiores, agricultores, do lugar de Ouca, concelho de Vagos, desta comarca, dão a sua queixa contra João Freire da Silva, também conhecido por João Camelo, solteiro, maior, Manoel Nunes Serafim, casado, proprietário, João Nunes Serafim, casado, lavrador, e Duarte Martins, casado, lavrador, todos do referido lugar de Ouca, por terem co-

Ramalho Ortigão e o Marquez de Pombal

«O vulto grosseiro desse ditador, que se chamou Sebastião José de Carvalho, levantado em triunfo como um simbolo de progresso e de liberdade com a sua cabeleira de rabicho, com os seus autos do Tribunal da Inconfidência e os seus cadernos da Intendência da Policia debaixo do braço, faz-nos o efeito dum velho monstro paleontológico, desenterrado das florestas carboníferas, e reposto, com palha dentro, no meio do espanto da flora e da fauna do mundo moderno. Que significa uma semelhante festa dos filhos da liberdade ao representante do despotismo? A personalidade dum estadista da escola do Marquês de Pombal representa a negação expressa de todas essas liberdades — representa a revivência do antigo despotismo monárquico, a coerção do homem sobre o homem»

Teófilo Braga e a ditadura do Marquês de Pombal

«Quando o Marquês de Pombal se achou no auge da prepotência, tendo reduzido o rei D. José a um simples personagem teatral, apresentava-lhe de joelhos os decretos sanguinários para os assinar, mas era o ministro quem na verdade exercia uma efectiva ditadura».

Julgado Municipal DE VAGOS

ÉDITOS DE 30 DIAS

ANUNCIO

2.ª PUBLICAÇÃO

Por este julgado e cartório do escrivão respectivo e nos autos de execução sumaria comercial em que é exequente Manuel Migueis Picado, casado, proprietário, de Mira e executado José Maria Ribeiro, casado, lavrador, da Gafanha, freguezia de Vagos, mas ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, correm éditos de 30 dias a contar da segunda e última publicação deste citando a mulher do executado Maria Grilo, também ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para assistir aos ultiores termos da referida execução e para os fins e efeitos do artigo 833 do Código do Processo Civil.

Vagos, 21 de Abril de 1934. O escrivão João Simões Ferreira.

Verifiquei. O Juiz do Julgado, José Reynaldo Calisto Moreira.

AGRADECIMENTO

Conceição Maria dos Anjos, proprietária da Casa dos Ovos Moles, intimamente confundida, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram tomar interesse pela sua saúde, durante a pertinaz doença de que sofreu.

Aqui lhes deixa pois, o seu mais terno bem hajr.

Aveiro, 1 de Maio de 1934

meido o crime previsto e punido pelos n.ºs 1.º e 2.º do artigo trezentos e sessenta do Código Penal, para o que fazem suas quanto a esses réus, as considerações da outra promoção de folhas cento e sessenta e uma Testemunhas as do corpo de delicto. Pede a Vossa Excelencia se digne mandar juntar este aos autos. O Advogado, Cherubim da Rocha Vale Guimarães.

Está conforme. Aveiro, vinte e seis de Abril de mil novecentos e trinta e quatro.

O chefe da 3.ª secção, Albano Duarte Pinheiro e Silva.

A CARNIFICINA DE BELÉM

(Continuado da 1.ª página)

a poesia ao cadafalso, com as pernas nuas, os pés descalços, a camisa grosseira que se tingia de sangue. Assim foram rodados os dois creados do duque de Aveiro, e o creado do marquês de Távora. Era meio-dia: havia perto de seis horas que durava esse tristíssimo espectáculo.

Houve então um intervalo, o motivo do intervalo era apenas a necessidade da mudança do cenário. Os carpinteiros subiram ao cadafalso, serraram a parte que deixava para o mar, e na outra parte puseram duas aspas diferentes daquelas, em que tinham sido supliciados o marquês Luís Bernardo, o conde de Atouguia e José Maria de Távora. Consistia a diferença em não terem a trave intermédia, que mitigava um pouco, suportando o corpo, a angústia do tormento.

Suprimido assim esse último alívio, tornou a cadeirinha a desempenhar o seu lúgubre mister. Apareceu então o marquês de Távora Francisco de Assis, todo vestido de lemiste preto.

O velho general, que muito se distinguira na Índia durante o seu vice-reinado, passou pela última vez diante das tropas que lhe haviam obedecido, e que lhe prestaram com o toque das caixas destemperadas como que uma última e fúnebre homenagem. Avançou então para o cadafalso, rápido e sereno, ajoelhou diante da aspa, beijou-a com resignação cristã, e preparou-se para morrer. Faltava, porém, ainda o suplício moral, que sua esposa sofrera, e que lhe não foi poupado a ele. O algoz repetiu circunstanciadamente a descrição dos instrumentos do suplício, e contou-lhe o que tinham padecido e o que haviam de padecer os seus parentes, amigos e creados. Fez mais ainda: mostrou-lhe os corpos dilacerados e desfigurados de sua esposa e de seus filhos, e só então é que o estendeu na aspa. Ele, o triste velho, ouvira com varonil constância, e talvez com um sorriso de amargo desdém nos lábios, essa descrição. Só quando lhe mostraram os cadáveres dos entes queridos que o tinham precedido na morte, uma convulsão nervosa lhe contraíra os músculos da face, e uma lágrima rolaria pelas suas faces pálidas!

Essa lágrima, se ele tivesse cometido o crime de que o accusassem, pesaria decerto mais na balança divina do que o seu atentado, mas estando, como disso nos convencemos, inocente, como devia despertar a justiça do Todo-Poderoso!

Atado o marquês na aspa, o algoz ergue a maça de ferro, que tinha o péso de dezoito arráteis, e vibrou-lhe uma pancada no peito, os ajudantes do carrasco foram-lhe entretanto quebrando as canas dos braços e das pernas. Em poucos minutos expirou, mas os ais que ele exalava, e que cortavam o coração dos que o ouviam, bem mostravam que angústia indescriível e inimaginável concentrara nesses breves minutos um século de angústias.

Ao marquês de Távora seguiu-se o duque de Aveiro, o insensato criminoso (?) cuja loucura arrastara ao suplício tantas vítimas inocentes. De todos os mártires, era este o que tinha menos simpatia entre o povo, mas de novo lhas conciliou a atrocidade do suplício. Não fora ele condenado a penas mais rigorosas do que o marquês de Távora, mas o algoz, já fatigado de tantas execuções, vibrou o golpe de forma que, em vez de o descarregar no peito, paralizand logo com essa primeira pancada o sentimento vital, descarregou-o no ventre, onde era menos perigoso, de modo que, produzindo-lhes insuportáveis torturas, deixara-o com sentimento bastante para padecer imenso com os outros golpes, que lhe iam quebrando as canas dos braços e das pernas, mas nenhuma dessas feridas era mortal, de sorte que foi necessário repetir-lhe o golpe no peito, e vibrou-lhe uma nova pancada na cabeça, que lhe fez perder enfim o último alento. Mas estas dores atrozes arrancavam ao pobre supliciado gritos horríveis, que se ouviam a imensa distância.

Voltou a cadeirinha, e trouxe o último supliciado, aquele contra quem se voltava com mais encarniçamento a régia vingança, porque haviam sido as balas do seu bacamarte as que haviam ferido o sacratissimo braço da inviolabilissima pessoa de sua quasi divina majestade. António Alvares Ferreira ousara ferir no ombro o representante, a imagem de Deus na terra, que voltava de casa dum das suas amantes! Havia punição bastante rigorosa, que fosse condigna de tam atroz atentado?

António Alvares Ferreira, que, juntamente com José Policarpo de Azevedo, disparara os tiros que tinham ferido el-rei, tinha de expiar em tormentos pungentissimos a sua própria culpa, e a culpa do seu companheiro, que se esquivara, exilando-se, ao castigo cruel dos condenados pela sentença de 12 de janeiro. Os algozes, porém, não quiseram que o desterrado se subtraísse completamente à sua vingança, e executaram-no em effigie, como D. João II executou o marquês de Montemor. A estátua de José Policarpo compareceu também no cadafalso.

António Alvares Ferreira vinha em camisa e calção, como todos os outros plebeus, mas coberto com um capote. Algemava-o pela cintura uma cadeia de ferro, e as mãos estavam atadas com cordas. Quando chegou junto do cadafalso, mostraram-lhe os algozes pacientemente os cadáveres de todos os réus, puseram-lhe depois ao pescoço um sacco cheio de péz e enxofre, e untaram-no de breu. Entretanto descarregavam a barca, firando fora os materiais da fogueira, e nem sequer haviam tido a caridade de poupar ao réu este suplício moral, este sinistro antegosto dos seus padecimentos, porque foi em sua presença que se entregaram a esse trabalho, que durou mais dum hora, enquanto os padres, que acompanhavam o réu, o confortavam quanto podiam. Elevaram-se enfim ao céu as chamas da fogueira, envolvendo por todos os lados o desgraçado.

Julgavam os espectadores que em breve ficaria o infeliz reduzido a cinzas, mas, pensando assim, não contavam com a cruel cumplicidade das forças da natureza. António Alvares tinha o rosto voltado para o norte, e do norte soprava também brandamente o vento, em ténues rajadas, de forma que as chamas, ondulando ao sópro da viração, acamavam-se como espigas esbrazeadas, elevavam-se a pequena altura, lambiam, sinistramente cariciosas, o corpo do padecente e arrancavam-lhe gritos agudísimos de desespero, que transportavam o coração de todos, e comoviam talvez os próprios algozes.

Os padres, cumpungidos por este padecimento atroz, com os rostos banhados de lágrimas, sentiam exaltar-se no seu peito o sentimento de caridade cristã, e derramavam sobre aquele pobre espírito angustiado, os orvalhos do céu, o bálsamo da fé com tanto zelo, e tam vivo desejo de o confortarem e aliviarem, que nem o sentirem-se molestados pelas chamas os impedia de se aproximarem do desgraçado, parecendo que desejavam precipitar-se na fogueira que ao seu lado consumia a vítima de tam odiosa conde-

Rocha Martins e o Marquês de Pombal

«A maior afronta, que se pode fazer à Liberdade, é dar-lhe por filho quem sempre a combateu; é acolher sob o seu manto aqueles cujos lábios jámais pronunciaram, sinceramente, o seu nome. Foi o que a tolerância duns e a ignorância de muitos deixaram que se fizesse da memória do Marquês de Pombal, cujo liberalismo e ateísmo o tornariam ainda numa maior anomalia. Ministro do absolutismo, excedeu a sua missão: foi um tirano; sectário da fé, exacerbou o seu sentir: foi um fanático pelo Santo Officio (ou Inquisição); soberano dum vontade soberana, criou obras dum triunfo efémero, pois ruíram ao deixarem de ser aguentadas pelas escoras do despotismo.»

Alexandre Herculano e a administração do Marquês de Pombal

«Louva se hoje muito a administração do Marquês de Pombal: mas preguntaremos nós aos homens do nosso tempo: quererieis vós um ministro que fizesse tais leis, tendo ao mesmo tempo força para as fazer cumprir?»

LUIS DE AZERÉDO PEREIRA ADVOGADO VAGOS

COMARCA DE AVEIRO

JUIZÓ CIVEL

ARREMATACÃO

2.ª PUBLICAÇÃO

No dia 20 de Maio próximo, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca e na execução de sentença em que é exequente José da Cruz Maia, e executados Margarida Rodrigues de Azevedo e marido Manuel Fernandes, da acção commercial de letra que contra estes moveu Herminio José da Costa Faro, proceder-se-á à arrematação, em hasta pública, para serem entregues por quem maior lanço oferecer acima das suas respectivas avaliações, dos seguintes prédios: — Uma terra lavradia com suas pertenças, sita nos Sergueiros, freguezia da Oliveirinha, avaliada na quantia de 2.500\$00; Um pinhal, com suas pertenças, sito no Vale da Cans, freguezia da Oliveirinha, avaliado na quantia de 1.500\$00.

Por este meio são citados quaisquer credores incertos para assistirem à arrematação e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 17 de Abril de 1934. Verifiquei.

O Juiz de Direito da 1.ª Vara, Artur Valente.

O Chefe da 2.ª Secção da 1.ª Vara, Júlio Homem de Carvalho Cristo.

nação. Não havia, porém, consolações que pudessem mitigar as dores excruciantes do desventurado.

O vento parecia cumprir submisso as ordens do Tribunal da Inconfidência; já as chamas tinham devorado as cordas que cingiam os pulsos de António Alvares, e António Alvares, vivo ainda, soltava gritos lamentosos; já a cadeia de ferro, que o algemava pela cintura, lhe escaldava o corpo, e o espirito vital persistia implacavelmente naquele corpo torturado.

Eram mais de quatro horas da tarde, quando terminou esta de todo o ponto horrorosa tragédia. Durara dez horas o sinistro espectáculo, a que o povo que se apinhara em Belém, assistira intrépida e mente, sem que o horror levado ao extremo o revoltasse, sem que ao menos o fatisse a monotonia sinistra das execuções! Os ministros e as tropas, antes de partirem, assistiram ao incêndio do cadafalso, pois que os juizes tinham querido que se abraçasse nas chamas o teatro, onde se apresentara tam cruel e doloroso drama.

ANÚNCIO

1.ª PUBLICAÇÃO

Por este Juizo, cartório do escrivão Albano Pinheiro, e nos autos de execução de sentença em acção commercial ordinária que António Nunes de Oliveira, casado, lavrador, de São Tiago, move contra Salvador da Maia Gafanhão e mulher e Manoel da Maia Gafanha e mulher, lavradores, do lugar de São Bernardo, todos desta comarca, vão à praça para serem arrematados por quem maior lanço oferecer acima das suas respectivas avaliações, no dia 20 de maio próximo, por 12 horas, e à porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito à Praça da República em Aveiro, os seguintes bens pertencentes e penhorados aos executados: — Um prédio de terra lavradia, e pertenças sita no local do Arieiro, limite de São Bernardo, freguesia da Glória de Aveiro, avaliada em 500\$00: — Um prédio de terra lavradia e pertenças, sita no referido local do Arieiro, avaliada em 1.500\$00: — Uma terça parte de um assento de casas térreas, com abegoarias, aido, pogo e mais pertenças, sito no referido local do Arieiro, avaliada em 800\$00: — Uma terra de sementeira e pertenças sita nos Barreiros, limite do referido lugar de São Bernardo avaliada em 400\$00: — Metade, pelo norte, de um prédio de casas térreas, eira, casa de eira e engenho, páteo, curraes e terreno anexo, sito no referido local do Arieiro, avaliada em 1.500\$00: — Metade, pelo sul, de um prédio de terra lavradia e pertenças sita no referido local do Arieiro, avaliada em 1.000\$00: — E uma quarta parte, pelo sul, de uma terra lavradia e pertenças sita nas Leiras de Dentro, limite do referido lugar de S. Bernardo, avaliada em 1.000\$00. Pelo presente são citados quaisquer credores incertos afim de deduzirem os seus direitos.

Aveiro, 21 de abril de 1934.

O escrivão da 3.ª Secção da 1.ª Vara, Albano Duarte Pinheiro e Silva,

Verifiquei.

O Juiz de Direito da 1.ª Vara, Artur Valente.

PARA ARROZAI EMPREGUE

CAL AZOTADA (CIANAMIDA)

MAGNIFICO ADUBO COM

19 a 20 %

DE AZOTE

E

60 a 70 %

:: DE CAL ::

Enviam-se gratuitamente todas as instruções a quem preencher este coupon e o envie ao

CENTRO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

Praça do Municipio, 32-2.ª

LISBOA

Nome

Morada

PINHEIRO CHAGAS,

A Companhia de Jesus teve no Marquês de Pombal talvez o seu maior inimigo: e contudo ainda não houve em toda a história quem mais do que Sebastião José exigisse a obediência «à cadáver», e applicasse em todos os seus actos o famoso principio de que os fins justificam os meios.